

plástico bolha

poesia agora

Soneto de ilusão

Para Dilia

Meia-noite. Embriagado pelo vinho,
— O quarto esfumaçado de cigarro —
Com náuseas, e vertigem, meu caminho
Eu tomo para a cama, e tão bizarro

Se torna este caminho, que engatinho,
Ébrio das sombras, vítima do esbarro,
Pelos cantos do quarto... E então, sozinho,
Caio no chão, e um livro antigo agarro.

Uso-o tal travesseiro velho e duro.
Sonho. E no sonho o sonho me recorda
Daquele livro antigo que seguro.

Devaneio? Delírio que transborda?
A nossa vida é esse sonho escuro
Que só termina quando a gente acorda!

Guilherme Ottoni



BOLHETIM

POESIA AGORA E SEMPRE

Das 8 às 21h do dia 08 de abril de 2018, um domingo movimentado, a equipe do jornal Plástico Bolha se juntou para fechar a edição de número 39, em meio ao (in)tenso clima de nossos dias. Após um dia marcante na História recente do Brasil, resistimos. Os poemas e contos que reverberamos continuarão a ocupar e a povoar insondáveis campos e espaços. A cultura não recua. A cultura não se entrega.

Nesta edição, viemos com tudo, munidos pela força e incentivo dados pelos nossos apoiadores e com a postura que nossos dias exigem: “a revolução é da ordem da cólera e da alegria, não da angústia e do tédio”, nos diz um dos textos a seguir. A arte de capa, e as imagens no interior da edição, foram feitas a partir de pinturas da conceituada artista Marina Rheingantz, paulista do grupo 2000e8 e cada vez mais apaixonada pelo Rio de Janeiro — o que se reflete na temática dos seus trabalhos mais recentes. Incorpora-se à arte da capa um excepcional soneto escrito por Guilherme Ottoni.

Apresentamos também um texto inédito, incendiário e exclusivo do filósofo Peter Pál Pelbart, tradutor de Gilles Deleuze no Brasil, onde nossa guerra velada é declarada em todas as letras; além disso, uma seleção de poemas visuais de Tchello d’Barros, Leonardo Janeiro e Rafael Lemos; uma extemporânea reunião do grupo SeteNovos (Augusto Guimaraens Cavalcanti, Mariano Marovatto e Domingos Guimaraens); a presença de Laura Assis, de Juiz de Fora, com seu soneto-hipertexto-(im)pertinente-pós-autônomo; textos dos vencedores do Prêmio Paulo Britto de Prosa e Poesia e do Haicai Combat; entre outros.

Estas páginas trazem também uma bela homenagem a Victor Heringer feita pelos seus amigos e familiares. Para completar este encontro, poemas de autores de peso da literatura brasileira, do calibre de Paulo Henriques Britto, Ricardo Aleixo, Antonio Miranda, Cairo Trindade, Elizabeth Manja, Leoni, Bith, Gregório Duvivier e novidades como o debutante Geovani Martins, cujo sucesso na prosa já é uma realidade.

Agradecemos a todos os nossos parceiros, equipe e colaboradores. Que nesses tempos sombrios o Plástico Bolha permaneça ativo e atuante, e que todo grito guardado exploda em poesia.

DIREÇÃO Lucas Viriato
EDIÇÃO Bruno Justino | Guilherme Ottoni | João Moura Fernandes | Lucas Viriato | Yasmin Barros
CONSELHO EDITORIAL Augusto Guimaraens Cavalcanti | Dimitri BR | Leonardo Janeiro | Yassu Noguchi
DIAGRAMAÇÃO Mariana Castro Dias
REVISÃO Marilena Moraes
WEBDESIGN Henrique Silveira
IMAGENS ARTÍSTICAS a partir de pinturas de Marina Rheingantz

Agradecimentos a André Cortez, Carol Buček, Carmem Guerra, Regina Cassimiro, ViaPress, Elaine Hazin, Laura Gurgel, Ricardo Cavalcanti, Antonio Carlos Sartini, Raphael Vieira, Museu da Língua Portuguesa, Marina Toledo, equipe e poetas da exposição Poesia Agora

EDIÇÃO de maio de 2018 | Rio de Janeiro, RJ | dedicada à memória de Regina Marzullo e Dada Suvedananda
DISTRIBUIÇÃO Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo, Bahia, Piauí, Distrito Federal, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e onde o vento nos levar...
TIRAGEM 13.000 | IMPRESSO na ZM Notícias, Nova Iguaçu, RJ | ISSN 2318-972X

.....

Envie seus textos através do nosso site dizer não
ANUNCIE NO PLÁSTICO BOLHA e
contato@jornalplasticobolha.com.br morrer

Seja um apoiador!



Contamos com a colaboração de você que nos lê e acompanha: basta entrar no link <https://apoia.se/plasticobolha>, conheça nossa campanha de financiamento coletivo e participe. Além das várias recompensas diretas do jornal, você estará contribuindo para a continuidade de um trabalho de valorização e disseminação da poesia contemporânea.

Estes são os sócio-colaboradores do jornal Plástico Bolha via Apoia.se:

Aline Teodoro de Moura
Barbara Brunbauer
Beatriz Junqueira Pedras
Chiara Ciodarot di Axox
Demetrios Gomes Galvão
Gloria Regina Bandeira de Araujo
Laura Gurgel
Lina Nunes Gomes
Lucas Brandão
Luisa Noronha
Luiz Antônio da Silva
Luiza Mussnich
Marcello da Silva Azevedo
Maria Silvia de Souza Camargo
Marília Rothier Cardoso
Paulo Henriques Britto
Thassio Ferreira
Thiago Ferreira

Fusão

o início da história
já não importa
a essa altura
a mistura

de você em
mim do meu
rosto nos seus
olhos dos seus

sonhos nos meus
braços dos meus
risos nos seus
ossos do que é nosso

no que é seu
por osmose meu
é nossa solução
inseparável já

não há substância
pura os átomos
embaralharam as
órbitas para além

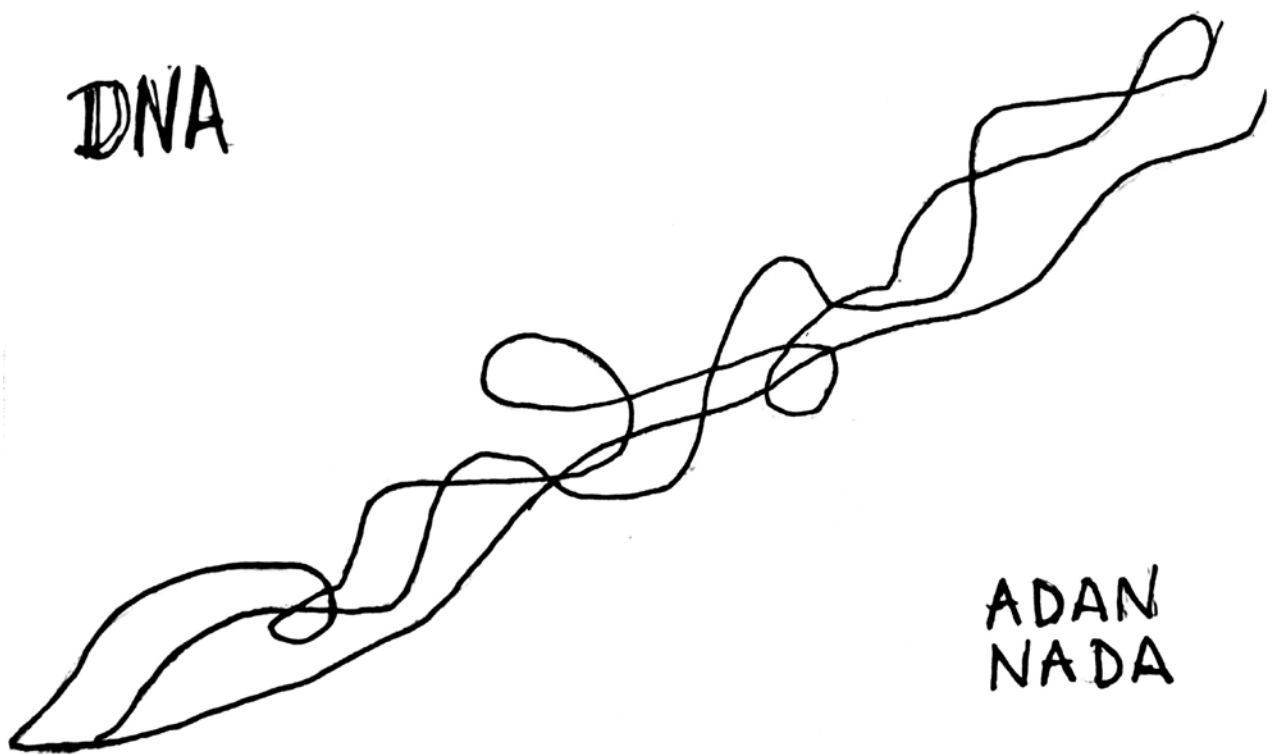
do ponto de qualquer
fissura nossas
línguas mis-
(tri)turaram línguas

que já não falamos
apagamos portas pistas
fronteiras resíduos
de Tordesilhas

importa agora
o holofote da nossa
estrela de estilhaços
atizando o incêndio

desse estardalhaço
de alegrias — de
que importaria agora
o início da história?

Leoni



Antonio Miranda



Veja e toque, e se contente.
Nada mais lhe é permitido.
Pois tudo que você tem
só é seu no escasso sentido

em que é sua a sombra escassa
que esse seu corpo segrega,
que some assim que se apaga
a exata luz que ela nega.

Paulo Henriques Britto

[inventionistas]

os homens inventaram o relógio para marcar os minutos
de sua infeliz existência

como não tinham onde guardar os relógios que inventavam
nem os outros objetos que gananciosamente viriam a acumular
sob o apelido de propriedade privada
os homens inventaram o bolso

os bolsos, porém, eram pequenos pra caber tantos objetos
além do mais
como davam de esquecer a forma dos objetos
e a dimensão de sua miséria
os homens inventaram a fotografia
assim, poderiam carregar a memória no bolso
e nunca mais esquecer como são tolos seus objetos
e como seus sorrisos são falsos
e vazios.

Yuri Westermann

O menino sonhava em voar,
a realidade exigiu brevê
o traficante fez dele avião.

Allan Dias Castro

A casa invisível

Espalhou seus pedaços.
Como não lembrar da sombra, do samba, do churrasco e do
silêncio?
Mas quem passa e não conhece é incapaz de imaginar
quanto amor e quanta dor viveu ali.
Foi marcada por spray e por promessas de futuro;
Uma rua a mais no mundo,
uma casa a menos no mundo,
uma árvore a menos no mundo
mundo ingrato esse mundo
que seguiu
indiferente

Geovani Martins

Soneto XIII

Tenho pena de quem é meu amigo
pois deve desejar a minha morte.
Nasci graças a deus com uma sorte:
a de não ter que conviver comigo.

Garantiram: não tem nenhum perigo.
Jamais serei de mim o meu consorte.
Não há chato, no mundo, do meu porte.
Só a vocês concedo esse castigo.

Os segundos que chegam logo após
ouvir no gravador a minha voz
dão vontade de dar à vida um fim.

Se eu fosse por acaso dessa gente
que convive comigo diariamente,
ou me matava ou bem matava a mim.

Gregório Duvivier

As balas são de borracha
porque a intenção é
apagar palavras de revolução.

Victor Rodrigues

Abril

escuto o som da motosserra elétrica
que o meu peito serra
escudo de osso que a serra serra
e faz barulho.
pó no ar
devia eu escutar essa lâmina dentada
que ausculta meu coração?
minhas costas coçam mas como
irei coçá-las?
jesus na cruz
atadas as minhas mãos estão
vejo o sangue que entra e sai
a serra ausculta e vasculha
a alma dói
tudo preto
algo tilinta dentro, eles colocam
minhas costelas no lugar
algo brilha dentro e não
são os arames
escuto um vulto
uma máquina de costura costura
e eu sobre a gelada mesa de
dissecação durmo. Pombas se
acidentam na janela.
estou vivo.

Josué Ralo

Num grande acordo nacional

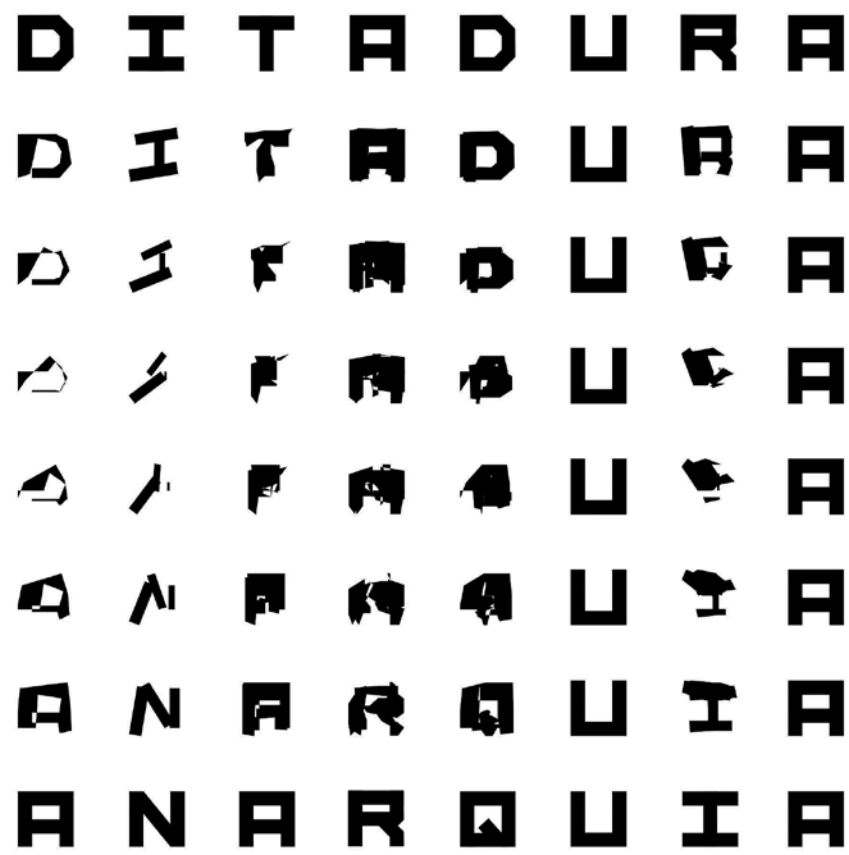
Com o Supremo, com tudo. Num grande
acordo nacional. Com o Supremo, com tudo.
Num grande acordo nacional. Com o Supremo,
com tudo. Num grande acordo nacional. Com

o Supremo, com tudo. Num grande acordo
nacional. Com o Supremo, com tudo. Num
grande acordo nacional. Com o Supremo,
com tudo. Num grande acordo nacional.

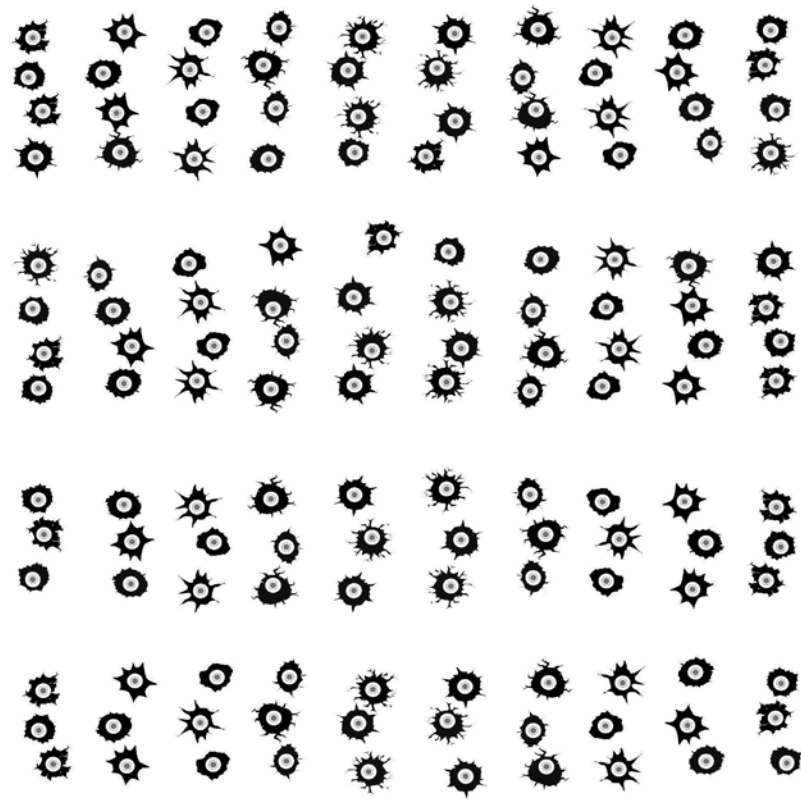
Com o Supremo, com tudo. Num grande
acordo nacional. Com o Supremo, com tudo.
Num grande acordo nacional. Com o Supremo,

com tudo. Num grande acordo nacional.
Com o Supremo, com tudo. Num grande
acordo nacional. Com o Supremo, com tudo.

Laura Assis (a partir da obra de Jucá & Machado)



Soneto das Ditaduras



Dois poemas de Tchello d'Barros

Poema em frasco

A poesia
brota viva
num frasco
profundo e
devidamente
aquecido à tem-
peratura de 36 graus.

A face de tal frasco não
traz nenhuma recomenda-
ção que não seja a imodera-
ção e a necessidade da em-
briaguez contínua que acar-
reta alucinações e um olhar
inquieta para a excelência
da humanidade. A essência
vital que preenche tal fras-
co emana viva do tambor ne-
gro já gasto, do livro escrito
à mão, do quadro mal pinta-
do pelo autor, da montanha
torta ao longe da paisagem,
do ator que se doa ao palco
e da pétala que se despen-
de lentamente da flor. E o
poeta, em seu esplendor, é
aquele que realmente guar-
da no peito a vida que irra-
dia dos mínimos elementos
que compõem a rotina.

Ronaldo Henrique Barbosa Junior

	o	dia	clareou
clareou			
		a mente	
fez-se	o	sol	
	contente		invadiu
	a pele		a
branca			rua
	sob		nua
	a luz	da	lua
	espelho	do	manhã do céu

Leonardo Janeiro

na dúvida teus lábios
na dúvida teus lábios



Rafael Lemos

**IMPUNI
D
DE
C
NEGO
COR
CONCH
ES
NEPOT
PROPIN**

**ADE
SVIO
AGOGIA
NLUIO
IATA
UPÇÃO
VO
ÂNDALO
SMO**

**PARLAMENTARES:
PARA LAMENTARES!**



Três poemas de Tchello d'Barros



ESTAMOS

ESTAMOS EM GUERRA. GUERRA CONTRA OS POBRES, CONTRA OS NEGROS, CONTRA AS MULHERES, CONTRA OS INDÍGENAS, CONTRA OS TRANSEXUAIS, CONTRA OS CRAQUEIROS, CONTRA A ESQUERDA, CONTRA A CULTURA, CONTRA A INFORMAÇÃO, CONTRA O BRASIL. A GUERRA É ECONÔMICA, POLÍTICA, JURÍDICA, MILITAR, MIDIÁTICA. É UMA GUERRA ABERTA, EMBORA DENEGADA, É UMA GUERRA TOTAL, EMBORA CAMUFLADA, É UMA GUERRA SEM TRÉGUA E SEM REGRA, ILIMITADA, EMBORA QUEIRAM NOS FAZER ACREDITAR QUE TUDO ESTÁ SOB A MAIS ESTRITA E PACÍFICA NORMALIDADE, INSTITUCIONAL, SOCIAL, JURÍDICA, ECONÔMICA. OU SEJA, AO LADO DA ESCALADA GENERALIZADA DA GUERRA TOTAL, UMA OPERAÇÃO ABAFA EM ESCALA NACIONAL. ESSA SUPOSTA NORMALIZAÇÃO EM CURSO, ESSA DENEGAÇÃO, ESSA PACIFICAÇÃO PELA VIOLÊNCIA — EIS O MODO PELO QUAL UM NOVO REGIME ESQUIZOFRÊNICO PARECE QUERER INSTAURAR SUA LÓGICA, ONDE GUERRA E PAZ SE TORNAM SINÔNIMOS, ASSIM COMO EXCEÇÃO E NORMALIDADE, GOLPE E GOVERNABILIDADE, NEOLIBERALISMO E GUERRA CIVIL. NADA DISSO É POSSÍVEL SEM UMA CORROSÃO DA LINGUAGEM, SEM UMA PERVERSÃO DA ENUNCIAÇÃO, SEM UMA SISTEMÁTICA INVERSÃO DO VALOR DAS PALAVRAS E DO SENTIDO DO PRÓPRIO DISCURSO, CUJO DESCRÉDITO É GRITANTE.

DIANTE DESSE PANORAMA, QUAL A TAREFA DE UM EDITOR? CERTAMENTE NÃO É O DE CORROBORAR A CORROSÃO EM CURSO, PUBLICANDO FRIVOLIDADES PARA UM MERCADO BULÍMICO QUE AS DEGLUTE COMO ENTRETENIMENTO NARCÓTICO. UM LIVRO PODE SER MUITA COISA, ENTRE OUTRAS, UMA ARMA, UM INSTRUMENTO EM MEIO A UM COMBATE, UMA FERRAMENTA DE ANÁLISE, UMA CATAPULTA DE IDÉIAS INCENDIÁRIAS E DE AFETOS VÁRIOS, COLÉRICOS MAS TAMBÉM AMOROSOS. EXTRAÍMOS DE UM DOS LIVROS PUBLICADOS POR NÓS ESSA CONSIGNA: A REVOLUÇÃO É DA ORDEM DA CÓLERA E DA ALEGRIA, NÃO DA ANGÚSTIA E DO TÉDIO. A CÓLERA SE DIRIGE CONTRA AQUELES QUE DESTROEM IMPIEDOSAMENTE O QUE NOS É CARO, DEVASTAM NOSSA RIQUEZA NATURAL, SOCIAL, SUBJETIVA, AFETIVA, POLÍTICA. BRUTALIDADE COMPARÁVEL, TALVEZ, AO ASSASSINATO DOS IRMÃOS DE WITTE EM 1672, QUE GOVERNARAM OS PAÍSES BAIXOS NO SÉCULO XVII E QUE FIZERAM ESPINOSA SOLTAR O ÚNICO GRITO URRADO DE QUE SE TEM NOTÍCIA SAÍDO DAQUELE HOMEM QUE DIZIAM SER TÃO SUAVE E SERENO. CÓLERA, POIS, CONTRA O CAVALAR REVANCHISMO QUE VAI DESTRUINDO DIA A DIA O POUCO QUE SE HAVIA CONQUISTADO NOS ÚLTIMOS 13 ANOS, NUMA SEDE INSANA DE DILAPIDAÇÃO, NUM DESEJO DE EXTERMÍNIO VINDO DO CONLUÍO DAS VÁRIAS MÁFIAS QUE SE ALIARAM NESSA POLÍTICA DE TERRA ARRASADA. LAYMERT GARCIA DOS SANTOS ESCREVEU A QUE PONTO ESSE MOVIMENTO VISA A DESTRUIÇÃO DE UM PAÍS QUE TINHA, POR FIM, CONSEGUIDO ERGUER A CABEÇA NA CENA INTERNACIONAL. ELE TEM MIL VEZES RAZÃO.

EM GUERRA

É PRECISO DAR NOME AOS BOIS. O NOME DISSO É *GUERRA CIVIL*.

ORA, COMO ENTRAR NUMA GUERRA SEM NECESSARIAMENTE ACEITAR A BELICOSIDADE QUE DELA EMANA? COMO COMBATER O ADVERSÁRIO SEM ESPELHÁ-LO? TRATA-SE DE RETOMAR O PODER OU DE EXPANDIR A POTÊNCIA? NÃO SERIA O CASO, MENOS DE TENTAR OCUPAR O LUGAR DAQUELES QUE TOMARAM DE ASSALTO O ESTADO DO QUE OCUPAR RUAS, PRAÇAS, ESCOLAS, INSTITUIÇÕES, ESPAÇOS PÚBLICOS PRIVATIZADOS, EXPERIMENTAR NOVAS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO, DE AUTOORGANIZAÇÃO, DE SOCIABILIDADE, DE PRODUÇÃO, DE SUBJETIVAÇÃO, MAS TAMBÉM, E JUSTAMENTE ISSO É QUE PARECE O MAIS PARADOXAL, NOVAS MODALIDADES DE DESPOSSESSÃO, DE DESERÇÃO, DE DESTITUIÇÃO, DE DISSIDÊNCIA, DE ESQUIVA, DE DESSUBJETIVAÇÃO? NÃO É ESSA A COMBINAÇÃO MAIS PARADOXAL E MAIS URGENTE? É PRECISO DERRUBAR A CORJA DE BANDIDOS QUE SEQUESTROU O ESTADO, QUEBRAR O MONOPÓLIO DAS CORPORAÇÕES QUE OS SUSTENTAM, MAS COMO FAZÊ-LO SEM ENTRAR NO JOGO EM QUE SAÍMOS VENCIDOS DE ANTEMÃO, JÁ IMPREGNADOS PELA LÓGICA DO ADVERSÁRIO, DE SEUS APARELHAMENTOS, DAS PAIXÕES TRISTES QUE ISSO SUSCITA POR TODA PARTE? TALVEZ AINDA NÃO SE TENHAM INVENTADO MÁQUINAS DE GUERRA À ALTURA DA EFICÁCIA DA MEGAMÁQUINA FINANCEIRA, POLICIAL, MIDIÁTICA, JURÍDICA QUE SE INSTALOU. MAS TAMPOUCO SE INVENTOU UM MODO DE COMBATÊ-LA SEM NELA NOS ENREDARMOS. FALTAM-NOS OPERADORES DE DESATIVAÇÃO, COMO DIZ AGAMBEN, MODOS DE TORNAR INOPERANTE, UM PODER, UMA FUNÇÃO, NÃO APENAS DESATIVANDO AQUILO A QUE NOS OPOMOS, MAS TAMBÉM DESATIVANDO ALGO DE NÓS MESMOS QUE AINDA PERMANECE INTACTO E QUE SE ENREDA NOS MECANISMOS VIGENTES — O ESTADO-EM-NÓS, O FASCISTA-EM-NÓS. POIS FICAMOS CATIVOS DO QUE NOS ATURDE OU TORTURA, NUM AUTOMATISMO DE AÇÃO E REAÇÃO QUE CORRE O RISCO DE ESPELHAR A LÓGICA DOS QUE COMANDAM — SOMOS IMPELIDOS A UM TIPO DE REVIDE QUE RELANÇA O JOGO, AO INVÉS DE REINVENTAR AS DISTÂNCIAS, OS HIATOS, OS DESCOLAMENTOS, AS CESURAS, AS DESMONTAGENS DE NÓS MESMOS — UM NOVO TABULEIRO ONDE NEM SEQUER HOUVESSE LUGAR PARA UM PEÃO CHAMADO EU, MUITO MENOS UM BISPO, UM REI, UMA RAINHA, E SEUS MOVIMENTOS CODIFICADOS.

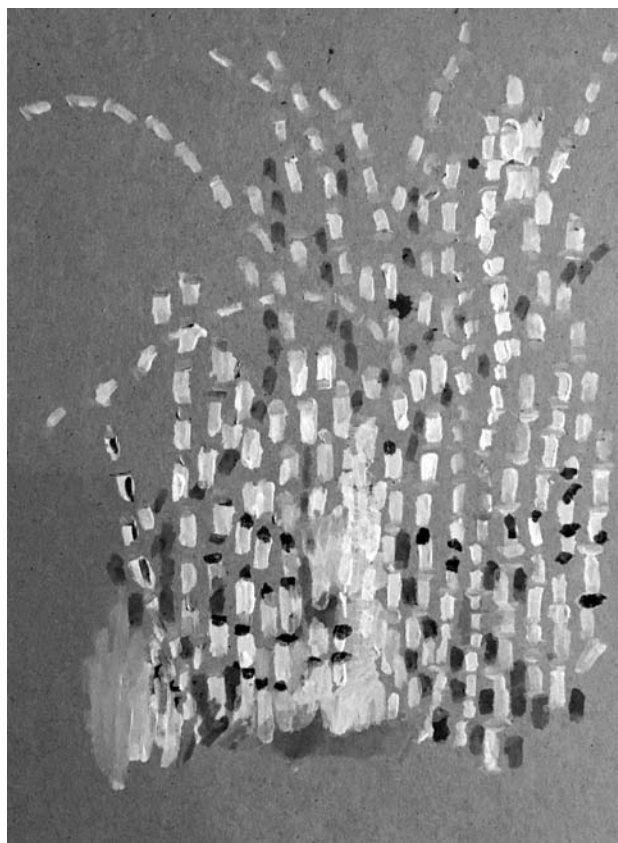
Peter Pál Pelbart



voa passarinho
a maré não tá pra peixe
primavera: queixe-se

orfeu que não visse
a tolice que fez: eu
retiro o que eurídice

Dois poemas de Bith



lí
rica
geomét

cercada
por quatro linhas
eu me tornei
ré
tangulo

dei uma volta
completa,
acabei no
xi
lindró

girei
ao contrário,
quebrei
duas linhas
(opostas)
pra te encontrar
no infinito

Paulo Emílio Martins

Cordão umbilical

No mar tem herança
No mar tem esperança
O Atlântico é a bolsa do útero mãe África
Rebentada na América

Elizabeth Manja

eldorado
— amor à américa —

américa américa
américa homérica
hiperbólica hiperbólica

américa quimérica
super special ultra mega
bela y cruel américa

américa mágica
múltipla maquiavélica
bárbara babélica

lúdica lúbrica lisérgica
top & pop psicodélica
armadamerdamérica

Cairo Trindade

ORGANO
GRAMA
— livros —

PUBLIQUE SEU LIVRO!

POESIA NOVELA CONTO HQ ARTE ENSAIO
ROMANCE BIOGRAFIA ZINE DISSERTAÇÃO

www.organogramalivros.com.br
facebook.com/OrganoGramaLivros

ETTORE
CUCINA ITALIANA

PÃES ANTEPASTOS MASSAS MOLHOS
PIZZAS SALGADOS DOCES TORTAS

ettore.com.br | [twitter @EttoreCucinaIT](https://twitter.com/EttoreCucinaIT)
facebook.com/ettorecucinaitaliana | [instagram @ettorecucinaitaliana](https://instagram.com/ettorecucinaitaliana)

Av. Armando Lombardi, 800 - lojas C/D/E Condado de Cascais, Barra da Tijuca - RJ Tel.: 2493-5611 / 2493-8939
Av. Vice Presidente José Alencar, 1350 - loja F - Cidade Jardim - Tel.: 2512-2226 / 2540-0036

A lua desastrada dos astronautas

É como se Cortez, Vespúcio,
Américo ou Colombo filmassem tudo...

A noite é um Dionísio engarrafado,
mas o verdadeiro vinho norte-americano é
um gatorade púrpura quarando sob o sol

Agora a lua é só um ready-made
assinado e assassinado
por um navegante chamado Armstrong

Cada um encontra a lua que pode equilibrar,
cada um alcança a lua que consegue imaginar,
cada um descobre a lua que é capaz de sustentar

A lua dos românticos virou a lua desastrada
dos astronautas
Um rio ainda flui sob o chão do cinema...

Augusto Guimaraens Cavalcanti

O sonho

Agora temos o cenário da antiga casa imaginada
a funcionar, pleno e astuto

E nos diz o índio que ao tramar o sonho em falso repouso
ele acontecerá, mas numa dosagem descomedida

Agora temos a fantasia gigante atravessando a rotina
que a repele com o seu temperamento inconciliável

Mas nos diz o índio que tempo haverá para morrer e para criar
e tempo haverá para contar o que sonhamos
enfim e outra vez arruinar a arapuca

Mariano Marovatto

Hemorragia

na hemorragia em fúria das ondas
estes gigantes de sal e lágrima
que se elevam da planície espelhada
como navios suicidas

no desfalecer da espuma em sangue e luz
nas tensões de fluorescências inconcebidas
na potência do rugir desta concha terra
na visão destes fluidos deslizantes

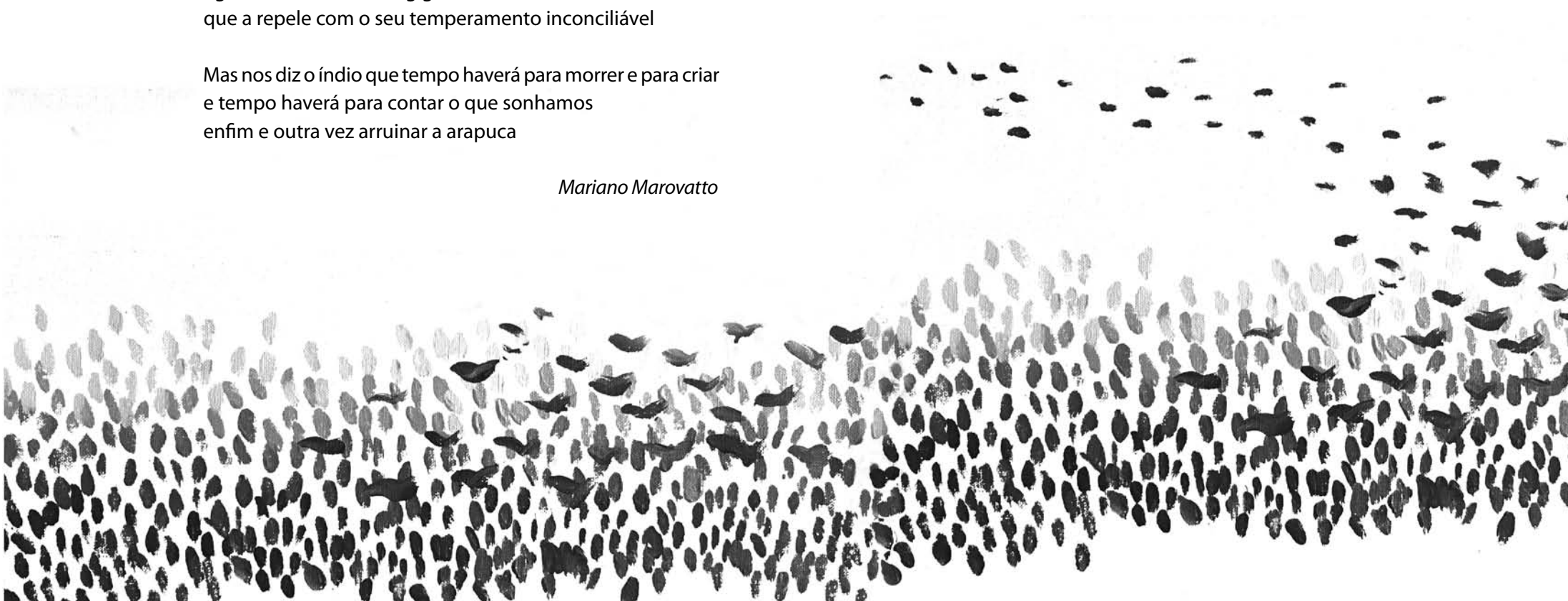
no estrondo do explodir dos corais
no desespero dos braços marinhos
em se agarrarem a última réstia de areia
me encontro aqui
náufrago em terra

Domingos Guimaraens

atlas

ele reclama
mas gosta
de ter o mundo
nas costas

Lucas Viriato



HOMENAGEM A VICTOR HERINGER

VI(C)TOR VIVE

Um artista incrível morreu, e intenciona-se comentar algo sobre o assunto. É situação difícil quando a pessoa também fez parte, por menor que seja, da sua vida pessoal. É situação difícil para mim, que, dos meus vinte e seis quase sete anos de idade, passei com o Victor vinte e seis.

Quero poder falar da pessoa mas também da obra, e por isso não posso rebaixar todo o acontecido a uma sessão de contemplação de cicatrizes pessoais. Mas também não posso me afastar do ponto de vista de irmão: em verdade vos digo que não consigo separar nada do que faço — em qualquer área — do ponto de vista de irmão do Victor, tão atrelada à dele é a minha identidade (sou irmão mais novo: ele viveu cerca de três anos sem mim e eu, sem ele há vinte e cinco dias, sou ainda café-com-leite no orfanato). Mas faz-se necessário, sei bem que ninguém quer olhar pra machucados, querem saber do que ainda vive, ou do que, a partir de agora, vive mais ainda. Me decido pela opção mais elegante; tentar deixar minhas hemorragias de fora do que for dizer ao mundo, reservá-las para as madrugadas, para as conversas sussurradas entre os nossos. A cratera na alma e os amores fraternos perenes talvez se mostrem sem querer, vazando pelos cantos ásperos da minha prosa mal praticada: quando comentar sobre ele em público, vou escrever seu nome com c, e alguns vão estranhar.



A amiga que tirou esta foto, de mais de um ano atrás e ressurgida esses dias em circunstâncias as mais casuais, não tinha percebido, até hoje, a pichação no canto esquerdo, "VITORVIVE", capturada por acaso. Como costuma-se dizer nessas horas — algo que tenho ouvido e pensado com frequência — meu irmão ainda vive, na memória dos seus próximos, na dos não-tão-próximos etc. E vive também a sua obra.

Comportamento tão estranho, o da obra de arte do recém-partido, da matéria liberta para sempre da alma extinta. Vai sair por aí cheia de energia mas, desengonçada, enroscar-se com os amantes mais improváveis, às vezes fiel, às vezes indiferente, às vezes em adultério obsceno à identidade do autor, que também vira moldável nas mãos do mundo, flexibiliza-se, toma aspectos novos,

é distorcida — para o mal e para o bem... para quem amou ambos, pessoa e obra, duplamente esquisito de ver. Mas, como disse o próprio Victor, em meio ao desespero de pequenez do *Noturno para Astronautas*, entre parênteses escudos:

*Este é o planeta.
Os ditadores e diretores e pretores
também admiraram as estrelas
os heróis todos, os assassinos
e os senadores olham para o céu.
Não resta naco de ar puro
ou amornado pelos pulmões de meus irmãos.
(Porque há irmãos
tenho certeza de que há irmãos.)*

Há irmãos que ainda lembram *dele*, e que sabem como se escreve e pronuncia seu nome. Mas também há o planeta... eu não sei não.

Que continuem me repetindo que VITOR VIVE — com pichações na parede, homenagens nos jornais, declarações de amor à sua arte, à sua pessoa, ao poema específico tal... me põe de fato feliz. Além disso, há umas ocasiões em que Santo Osmundo (santo protetor daqueles que sofrem de paralisia) me manda dos céus uma hora de tranquilidade, e chego a pensar, quase como que naquele otimismo calmo dos hippies, que, depois da morte, todas as versões diferentes da sua identidade estão de alguma maneira certas... mas me perdoem se vez ou outra eu gritar de volta "é VICTOR, cacete". Temos todos as melhores intenções; saber do que ainda vive.

Eduardo Heringer

Clima em praça pública

**A praça pública é de todos
e por isso é de ninguém.**

**Quando faz sol e eu rego a árvore
eu sigo em frente ela também.**

**Se chove demais e a árvore cai
a culpa é de quem?**

Ana Carolina Moreno

MISANTROPICAL UM

[Dimitri] “Todo mundo queria mesmo era fazer música”, dizia o Victor. E ele fez (embora sempre acrescentando: “o gênio musical da família é meu irmão Eduardo”). Entre 2011 e 2013, mantivemos este projeto de convivência sonora batizado (por ele) de ‘misanropicalistas’: basicamente, eu enviava pro Victor um monte de áudios desconexos — esboços, rascunhos de canções, trechos de diário e anotações de sonho —, tudo gravado num celular bem tosco; ele ouvia os trechos e os manipulava em editores digitais, criando colagens sonoras. Nas suas próprias palavras: “eu só reajusto, copio, colo e estrago”. Os textos aqui apresentados, inéditos, são as letras das canções-colagens do nosso (jamais lançado) álbum ‘misanropical um’.

[Victor] A gente faz esse negócio, treco, troço há mais de um ano (é?, !). Dimitri diz: “Victor, toma este som”, eu vou lá e destruo, reformulo, perturbo o som. Em geral é a voz dele, eu vou conversando com ela e, de tanto ouvir o som, o som fica gravado na minha memória. A grande ironia do misanropical é que só existe porque há comunicação e afeto. Daí que, finalmente, andando numa rua paulistana (na mesma cidade em que nos apresentamos pela primeira vez, vide fotos, vide vídeo*) descobrimos que o treco, troço, coiso é um ato duradouro de “convivência sonora”. Por isso o ruído é nosso(,) amigo. Além do mais, é divertido à beça.

1. afinação

— oi
— oi

alô, dimitri? é o victor
aqui a gente começa

2. carta aos ilhados

ilhado entre o som e o mar
sol som sonho

o poeta fala fala
mas quem diz é o som
o cantor nunca se cala
mas quem diz é o som

3. transe da humanidade
“o orangotango da malásia
com 120 quilos
é o primata que mais se assemelha ao homem”

(paredes, enfim
fundos falsos
e etc.)

mil homens mais

é o fim do espaço
é o fim do tempo
e eu me sinto bem

mil mais mil

e eu me sinto bem

4. nota em tempos eletrônicos

refúgio
abrigo
proteção

quem canta
comigo
é meu irmão

01100001 01101101 01101001 01111010 01100001
01100100 01100101 00100000 11101001 00100000
01100011 01100001 01110010 01101110 01100101
00100000 01100101 00100000 01101111 01110011
01110011 01101111

(amizade é carne e osso)

5. love song

all those love songs
you wrote...

were you drunk?

6. lará o tempo

dezembro. 2008. quinta-feira. 11. hahaha.
14 minutos e 29 segundos / abril de 2009
é janeiro... são duas e trinta e quatro... dia 18 eu acho
6 de setembro 2010

estamos em primeiro de setembro de 2010
janeiro 2009
pouquinho de fevereiro, sei lá, 12, de 2009
11 de março de 2011

sete e dez da manhã / segunda-feira / dia 10 de
maio, eu acho
logo depois do aniversário da silvia, do show do
circo, do dia das mães, etc.
e
eu sonhei com essa música

larará

7. sopro sem retorno

só raiou o sol
velas ao vento

pelo vento do sopro
e não pelo sopro do vento

vamos navegar

8. celeste II

(tudo vai mal
mas tudo bem)

9. (ônus track) acidente no baile

[*no www.diahum.com/albumdefigurinhas/portfolio/misanropicalismo/ você pode ouvir trechos da única e histórica apresentação ao vivo dos intrépidos misanropicalistas, na XXX Bienal de São Paulo (!), feita a convite da Pipa Musical e transmitida para todo o mundo pela Mobile Radio, além de dois teasers em vídeo e da faixa ‘não existe silêncio’, que produzimos para a revista-disco ‘bliss não tem bis’. o ruído é nosso(,) amigo.]

Dimitri BR & Victor Heringer



Tireoide

O gel esfria meu pescoço e
a moça
diz que fala comigo quando
tiver acabado. Aquele objeto-olho
desliza so
bre
a pele da parte tão perto da
cabeça que só pensa só
pode pensar
durante meio minuto
no máximo
três talvez
cinco não
mais:

tomara que veja um treco esquisito mas o
que será aquilo?

Nada.
Tá tudo certo comigo.
A não ser esse pequeno prazer
obscuro,
pulsão de morte que mora em
mim e que me acomete
num simples
exame de rotina.

Maíra Fernandes

Extração de minérios

Toda palavra
pedra bruta

Toda palavra
minério explode

jazidas

lavra
até o fino brilho do metal
precioso da terra

[e permanece selada
sem poros — rocha]

Cristina Parga

A citação

para Ana Martins Marques

não vou falar de nós
vou falar da última conversa que tive no elevador
bom dia
o tempo vai virar
imagina no verão
vou falar dos agapantos brancos e lilases
que só dão flor em novembro
e morrem rápido
vou falar da nova receita que inventei
com quinoa e passas
ah, eu aprendi a gostar de passas
e não largo mais no canto do prato
para você
vou falar de uma raça nova de cachorro que vi
atravessando a rua para não pisar na sua calçada
um pelo meio desgrehado
seu cabelo depois do banho
vou falar da poesia que li no livro que ganhei de aniversário
pela idade que você não testemunhou
no jantar que você não foi
e falava sobre uma boa ideia para um poema
quase te achei uma boa ideia
você, uma frase que encontrei num caderno antigo
que achei que tivesse escrito
naqueles dias de tantas horas
e tantos beijos
mas era uma citação
que não era minha

Luiza Mussnich

Lua

quando o sopro
das estrelas
dança
nas suas pálpebras
van gogh
e cai
nos seus olhos
em grãos
de brilho
mel
o mar chora
lágrimas de lua
(água com açúcar
e coca-cola)
e um coração
(qualquer)
transborda.

Júlia Rabello

Mosquito

Na tentativa errada de chupar meu sangue
este vampiro, para meu delírio,
encontrei não nas páginas policiais
d'A Folha ou Estado de Minas, mas
preso e morto, olha que sinal,
entre dois poemas de Eucanaã Ferraz.
É até capaz de que na arte do assassinato
os poemas tenham ficado no rastro
retidos no livro como prova
de quando o matei
pernas na 17, o resto na 16.
Talvez só quisesse
em sua magreza de mosquito
ter certeza deste mito
da poesia-salvação
ou quem sabe
virar vetor de versos
já que diversos são os afetos
e seus transmissores
porque para o mosquito é gosto
o que o outro sente
ele só não contava com isso dos poetas
essa forma direta de à primeira vista
serem tão mortalmente egoístas
quando se trata de inspiração.

Ramon Ramos

O que seria e não foi

Percebo a sobra de minhas expectativas
sobrevoadando o espaço que existe entre nós.
Das que se realizaram nem me lembro.
De nada me serviriam agora.

Tampouco me servem essas sobras
de expectativas diluídas no não agir.

Marcela Sperandio

Sempre disseram que preto não pode falar
Preto não tem voz
O preto que tem voz é sempre calado

Mais um sorriso preto apagado
Mais uma esperança preta tombada
Mais um corpo preto no chão
Mais sangue preto que escorre
Mais uma preta pra estatística
Mais um dos nossos mortos.
Descansa
Luz no teu caminho porque o povo de Aruanda te abraça e te ilumina
Descansa.

Vic Torinno

anistia.org.br

**ANISTIA
INTERNACIONAL**



nacoesunidas.org/vidasnegras

CAMPANHA

**VIDAS
NEGRAS**





Conheço vocês pelo cheiro

Conheço vocês
pelo cheiro,
pelas roupas,
pelos carros,
pelos anéis e,
é claro,
por seu amor
ao dinheiro.

%

Por seu amor
ao dinheiro
que algum
ancestral remoto
lhes deixou
como herança.
Conheço vocês
pelo cheiro.

%

Conheço vocês
pelo cheiro
e pelos cifrões
que adornam
esses olhos que
mal piscam
por seu amor
ao dinheiro.

%

Por seu amor
ao dinheiro
e a tudo que
nega a vida:
o hospício, a
cela, a fronteira.
Conheço vocês
pelo cheiro.

%

Conheço vocês
pelo cheiro
de peste e horror
que espalham
por onde andam
— conheço-os
por seu amor
ao dinheiro.

%

Por seu amor
ao dinheiro,
deus é um
pai tão sacana
que cobra por
seus milagres.
Conheço vocês
pelo cheiro.

%

Conheço vocês
pelo cheiro
mal disfarçado
de enxofre
que gruda em
tudo que tocam
por seu amor
ao dinheiro.

%

Por seu amor
ao dinheiro,
é com ódio
que replicam
ao riso, ao gozo,
à poesia.
Conheço vocês
pelo cheiro.

%

Conheço vocês
pelo cheiro.
Cheiro um e
cheirei todos
vocês que só
sobrevivem
por seu amor
ao dinheiro.

%

Por seu amor
ao dinheiro,
fazem até das
próprias filhas
moeda forte,
ouro puro.
Conheço vocês
pelo cheiro.

%

Conheço vocês
pelo cheiro
de cadáver
putrefato que,
no entanto,
ainda caminha
por seu amor
ao dinheiro.

Ricardo Aleixo